







# O ORPHEU NA CIDADE

PARODIA PHANTASTICA EM 4 ACTOS

DO

## ORPHEU NOS INFERNOS

EM SEGUIMENTO AO

## ORPHEU NA ROÇA

POR

F. C. VASQUES



TYPOGRAPHIA—POPULAR—DE AZEREDO LEITE  
? PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO ?

(LADO DA RUA DA CARIOCA)

1870

# PERSONAGENS

NA OPERA :

NA PARODIA :

- ARISTEU ..... } O *Pobre Jacques*, belchior da rua da Carioca.
- PLUTÃO ..... } O *Moleque da Semana Illustrada*.
- JUPITER'..... } O *Dr. Semana*.
- ORPHEU ..... } *Zeferino Rabeca*, ex-barbeiro e actualmente cirurgião dentista.
- JOHN STYX..... } *João*, velho preto mina, idiota e com mania de ser pae do *Moleque da Semana*.
- MERCURIO ..... } *Mr. Eugenio*, agente de diversas cousas *et cætera et tal*.
- BACCHO..... } O *Dr. Mal das Vinhas*.
- NEPTUNO ..... } *Um Chim* com banca na praia do peixe.
- MARTE..... } O *Capitão Tiberio* do—FANTASMA BRANCO.
- MORPHEU ..... } *Um empregado do Correio*.
- HERCULES ..... } *Um capoeira*.
- EURYDICE..... } *Brigida*, filha da MARMOTA FLUMINENSE.
- DIANA..... } *Um Inspector de quarteirão*, caçador de gente para o Paraguay e com a mania de apanhar o habito da Rosa.
- OPINIAO PUBLICA } O *Degenais* das MULHERES DE MAR-MORE.
- JUNO..... } A *Vida Fluminense*, creatura do *Dr. Semana*.
- VENUS ..... } *Dona Quinzena*, irmã do *Dr. Semana*.
- CUPIDO..... } *Um grisalho*, frequentador do ALCAZAR.
- DEUSES E DEUSAS } *Moleques e negrinhas da Semana Illustrada*.
- Compradores, entregadores, e mascarados de ambos OS SEXOS.

# DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

## ACTO PRIMEIRO

O rapto de D. Brigida.

## ACTO SEGUNDO

A Semana Illustrada.

## ACTO TERCEIRO

A Semana Illustrada transformada em gato.

## ACTO QUARTO

Noite de Terça-feira gorda.

A acção passa-se no Rio de Janeiro.

E'poca — Actualidade.

# ACTO I

## O RAPTO DE D. BRIGIDA

Salão em casa de Zeferino, ricamente mobiliado. Sofá á D. Janella á E. Piano. Portas lateraes e ao F. A' E. uma mesa com preparos de escripta. Sobre a porta do F. o seguinte letreiro :—  
OPERAÇÕES DENTARIAS : TIRA-SE E PÔE-SE DENTES POR UM NOVO SYSTEMA.

### SCENA I

(ANTES DA ACÇÃO)

O DEGENAIS (*fôra do panno talar que deve representar a fachada da casa do DENTISTA*)

Quem sou eu? Devem todos conhecer :

Representô a perfeição,  
No meu *Jornal* a escrever  
Faço o vicio se abater  
E á virtude dou a mão.

*A Lanterna Independente*  
Se appellida o meu *Jornal*,  
Protegendo o innocente  
Eu ataco sempre o mal.  
O meu pobre Raphael  
Por Marco foi immolado.  
Porém, tenho inda esp'ranças  
Qu'elle será bem vingado.

Hei de ver n'uma gamella  
Esses *diabos* da moda  
Cosidos n'uma barrella  
Andando todos á roda ;  
E depois n'uma panella  
Quaes frangos de cabidella.  
Aqui mora uma das taes : muito cuidade  
Que a mulher do dentista é doce e terna.  
Mas se ella escorregar, inda uma vez  
Eu terei de espevitatar minha lanterna.

(*Sáe.—Sobe o panno talar.*)

### SCENA II

D. BRIGIDA (*da D. A., canta*)

A moça que namora  
Não pôde socegar,  
E espera sempre a hora  
De seu bem chegar,  
E até de madrugada  
De susto a tremer  
Vem a pobre namorada  
O seu querido vér.  
Chiton! ouvi :

Não digaes nada a meu marido,  
Porque o meu querido  
Tem casa ali...

Não digaes nada a meu marido.  
E agora, n'um instante,  
Eu quero escrever,  
Para que o meu amante  
Me possa entender,

Meu peito a palpitar  
Tique, tique, tique, toque,  
E' bem facil decifrar  
Quem me faz este choque...

Chiton! ouvi:  
Não digaes nada a meu marido,  
Porque o meu querido  
Tem casa ali...

Não digaes nada a meu marido.

(*Fallando*) A janella ainda está fechada... ainda dorme... nem ao menos vejo o meu pobre Jacques que costuma vir sentar-se ali, ao pé do café volante. Ai-ai! Quem tem amores não dorme.

SCENA III

D. BRIGIDA E ZEFERINO.

ZEFERINO (*apparecendo ao F.*)

Olá! Cedo começa o trabalho! Quem será? Talvez a *Maricas* que vem chumbar o dente. Vamos para o piano, que eu sei que ella gosta do movimento das teclas. (*Vae ao piano e toca o recitativo do QUERO FUGIR-TE.*)

D. BRIGIDA (*voltando-se assustada*)

Oh! diabo! meu marido!

ZEFERINO

Minha mulher! Oh! diabo! (*Aparte.*) Diplomacia no caso. (*Alto.*) Que faz a senhora na janella a estas horas? Quer continuar a comprometter a minha posição matrimonial?

D. BRIGIDA (*ainda mais atrapalhada*)

Estava vendo o processo com que, aqui na Côte, mudão as *torcidas* nos lampeões.

ZEFERINO

Torcidas em lampeões de gaz? Essa desculpa é que me parece *torcida*. Dona Brigida, não mecha

com o *pavio* da minha desconfiança, a senhora já conhece as *brazas instantaneas* do meu ciume!

D. BRIGIDA (*aparte*)

Eu já te ponho agua na fervura. (*Alto.*) Senhor Zeferino Rabeca, ex-barbeiro e actual cirurgião-dentista, estou resolvida a tudo; vá mettendo os *dentes* na humanidade; a minha molestia já não tem cura; quando o peito de uma moça se inflamma e o coração está sujeito a certas inflammações...

ZEFERINO (*atalhando-a*)

Afomenta-se, minha senhora, afomenta-se!

D. BRIGIDA

Isso ainda é peor, o mal agrava-se. *Este mundo é um plano inclinado, e ai daquelle que lhe falséa o pé; deve rolar até o abysmo.*

ZEFERINO

Mas a senhora não é pipa para rolar. Eu sou a maromba da sua vida. Equilibre-se, senhora Brigida, equilibre-se!

BRIGIDA

Eu não preciso de maromba, aguento-me perfeitamente no balanço. Doutor, isto é claro, eu não posso mais atural-o; em virtude das ordens do Manoel de Souza, eu vivia em santa paz no convento, separada do senhor, porque me foi buscar? O senhor enganou-me segunda vez, disse-me que não era mais barbeiro, que estava se formando, que não tocava mais rabeca, que estava estudando piano com o Arthur Napoleão, que havia de supplantar todos os pianistas e dentistas, que ia dar concertos de pianos e de dentes; baralhando as cousas de tal forma que arranca dentes sem dór ao piano, e mette as teclas do mesmo na boca da humanidade.

ZEFERINO

Não bula na cirurgia, senhora, não bula!

D. BRIGIDA

Ora viva, (*Zeferino vae ao piano.*)

**DUETTO**

**ZEFERINO**

Pois é assim ?

**D. BRIGIDA**

Certo que sim.

**ZEFERINO**

Queres então zombar de mim ?

**D. BRIGIDA**

Certo que sim.

**ZEFERINO**

E me desprezas como artista ?

**D. BRIGIDA**

Certo que sim !

**ZEFERINO**

Um pianista !

**D. BRIGIDA**

Mui me contrista,  
E um tal dentista  
De nada val  
E sempre mal  
Parece um pomodista tal !

**ZEFERINO** (*levantando-se do piano*)

Ai de ti, sem tardança  
Hei de tirar vingança !

**D. BRIGIDA**

Como assim ?

**ZEFERINO**

Por mim já ouvirás  
O que eu vou tocar  
Uma valsa que acharás  
De genio singular.

(*Senta-se ao piano.*)

**D. BRIGIDA**

Não, não, deixa-te estar.

**ZEFERINO**

Nada, nada, houve lá,  
D'arte o cumulo será  
Para hora e quarto dá.

**D. BRIGIDA**

E quarto ? Ah !

**ZEFERINO**

Pelo menos...

**D. BRIGIDA**

Ih ! tá, tá, tá, tá !

**ZEFERINO**

Sim, escuta lá...

**D. BRIGIDA**

Ih ! tá, tá, tá !

(*Zeferino toca no piano qualquer cousa que possa servir de introdução para o duetto da NORMA.*)

Ai ! ai ! ai ! ai !

E' deplorável

E' detestável

Oh ! que soffrer

Que faz morrer !

**ZEFERINO**

E' adorável,

E' delectável

Oh ! que prazer

Que faz morrer !

**D. BRIGIDA**

E' deplorável !

E' detestável !

**ZEFERINO**

E' adorável !

**D. BRIGIDA**

Oh ! que soffrer !

**ZEFERINO**

Oh ! que prazer !

(*Juntos*)

**BRIGIDA**

Oh ! que soffrer

Que faz morrer !

**ZEFERINO**

Oh ! que prazer

Que faz morrer !

**BRIGIDA** (*fallando aparte*)

Se este meu marido fosse condemnado a galés perpetuas, eu empenhava-me com todas as forças para que o juiz lhe arrumasse por mais quatro annos !

**ZEFERINO** (*aparte*)

Se a gente pudesse fazer com as mulheres o mesmo que se faz com as folhinhas do Laemmert... mudar uma todos os annos... não era máo arranjo !... (*Alto.*) Senhora D. Brigida, minha illustrissima metade, reflecta que nós estamos na cidade e não lá na roça, theatro em que a senhora procurou representar



as suas proezas em companhia do Manoel João; aqui a cousa fia-se mais fina. Sou doutor, e acredite que estou de orelha em pé.

D. BRIGIDA

Eu creio que aqui ha tribunaes... desquite-se!

ZEFERINO

E o que seria da cirurgia? O que faria eu do meu gaz, que basta só tres pingos para desdentar a humanidade?! A senhora não vê que se eu dér esse pratinho ao mundo fico desacreditado, e que para melhor me morderem na pelle ninguem mais tirará dentes? O Desgenais das *Mulheres de Marmore* não está ahi com a sua *Lanterna Independente*? E o *Diario de Noticias* não espalhará mais essa pela modica quantia de dois vintens? A senhora não me engana, previno-a que não quero mais ver aqui em casa esse maltrapilho com quem a senhora se mostra tão caritativa.

D. BRIGIDA

O Pobre Jaques? Coitado! Tão boa pessoa!

ZEFERINO

Pois sim, elle que tome sentido. Nesta sala ha alguma coisa que eu preparei para o receber dignamente! Adeus, vou á casa da viuva Santos, levar-lhe a sua nova dentadura que lhe deve servir no dia do seu casamento. Cuidado! Estou preparado para o receber dignamente! Adeus! (*sae F.*)

SCENA IV.

D. BRIGIDA (*só*)

Oh! meu Deus! que será? Querem ver que elle arranjou algum torpedo no corredor? Alguma machina infernal aqui na sala? O que será do pobre velho? Como hei de prevenil-o? (*vae a janella*) Ainda não está, vou á janella do quintal a ver se elle está na esquina do becco! (*sae D. A.*)

SCENA V.

POBRE JACQUES depois BRIGIDA

POBRE JACQUES

(*Characterizado como na taboleta da casa do mesmo nome á rua da Carioca, entra pela porta do F. examina, vem á bocca da scena canta*)

Eu sou esse judeu lá da rua da Carioca,  
E'brio de prazer quando a minha boca toca,  
Contente da vida, n'esta boa clarineta  
A quem só amo no mundo sem que diga pêta.

Ver ás vezes lá no meu balcão  
Certos janotas  
Que sem ter vergonha, la me vão  
Vender as botas.

A's vezes interrompido  
Sou por certa nbanhã  
Que me vem comprar o vestido  
Da que morreu de manhã.

Eis a existencia  
De um grande negocio  
Compro a uma excellencia  
Vendo a um capadocio!

Ver depois na trapalhada  
Das compras e vendas,  
As posições baralhadas,  
Sem soffrer emendas!

O fidalgo presumido  
Vê sem lhe pôr a mão,  
O sapateiro metido  
Na casaca do Barão

Eis a existencia, etc., etc.

(*Fallado.*) O habito não faz o monge! Quem dirá que debaixo destas roupas e destas barbas, existe o terrôr do Rio de Janeiro, o celebre moleque da *Semana Illustrada* cantado em prosa e verso! Todos julgam que eu compro e vendo trastes novos e usados e não desconfiam que aluguei a casa ali defronte e que pretendo seduzir a filha da *Marmota Fluminense* casada com este Cirurgião das duzias que foi hontem aconselhar-se lá no escriptorio de nhonhô. Se elle tomou o meu parecer, está arranjado! Preparo-lhe uma de cabo de esquadra. (*vendo-a*) Ahi vem a marmota filha. Façamos de conta que cheguei agora. (*vae para a porta do F. e estende a mão*) Uma esmolinha ao pobre velho.

BRIGIDA

(*A meia voz*) Quem vem lá?

JACQUES

(*Tambem baixo*) Camarada.

BRIGIDA

(*Baixo*) Passe de largo.

JACQUES

(O mesmo) De largo estou.

BRIGIDA

(O mesmo) Sentinella ?

JACQUES

(O mesmo) Que é lã ?

BRIGIDA

(O mesmo) Alerta !

JACQUES

(O mesmo) Alerta estou. (alto) Que diabo de historia é esta !? Parece que estamos de guarda no Theouro ! Eu pago para a musica.

BRIGIDA

Em musicas estamos nós mettidos ! Meu marido desconfiou.

JACQUES

Das cartas que eu levo ao moço que mora ali defronte ?

BRIGIDA

Sim.

JACQUES

(Querendo aproximar-se) Oh ! diabo !... Então se tem alguma dê cá, antes que elle chegue.

BRIGIDA

Não se mecha, olhe que o senhor vae pelos ares !

JACQUES

Pelos ares, salta !...:

BRIGIDA

Elle espalhou torpedos por toda esta sala.

JACQUES

Torpedos, Ora, eu pesquei muitos no Paraguay ! Não tenho medo.

BRIGIDA

Não se mecha, elle prevenio-me que o havia de receber dignamente, grifado. Inventou alguma machina infernal, sem duvida ! Elle tem muita astucia ! Em quanto todos os dentistas tiram dentes sem dôr, elle tira dôres sem dentes ! Aquella cabeça ferve, e as idéas saem-lhe por todos os lados.

JACQUES

(Aparte) Quer pilhar-me e prega cartazes nas esquinas ! Estes maridos são sempre a mesma cousa. (alto) Olha o caso que eu faço das idéas de teu marido (começa a andar muito apressado por toda a sala)

BRIGIDA

(Recuando até ao divam) Não, não ! O senhor morre, o senhor morre ! (cae no divam e dá um grito) Ah !

JACQUES

O que é ?!

BRIGIDA

Cahi na maquina de segurança, uma das suas primeiras invenções !

JACQUES

Eu conheço o systema. Oh ! que fatalidade ! O marido é que me fornece as armas, (vae buscar um vidrinho).

BRIGIDA

Oh ! meu Deus ! Como soffro !

JACQUES

Moleque, quem o alheio veste na praça o despe ! Uma, duas, e tres ! (Despe a roupa e atira pela janella fica vestido de moleque da Semana Illustrada) Ora aqui está quem eu sou. Pensavam que eu era preto, isso não é comigo, eu sou moleque illustrado. (grande trovão) Olá ! Temos trovoadas ! Bem me disse o callo, hoje de manhã. Isto favorece os meus planos.

BRIGIDA

Oh ! meu Deus ! Vejo a morte diante dos olhos.

JACQUES

Por força ! (Faz ella cheirar o vidrinho)

BRIGIDA

Então eu vou morrer de verdade ?...

JACQUES

Sem duvida, que esta vida é uma mentira. (Dá-lhe o vidro a cheirar.)

BRIGIDA

Estou melhor, mas estou com somno.

JACQUES

Pois durma !

BRIGIDA

Então, boa noite.

JACQUES

Boa noite.

BRIGIDA (*canta*)

Este somno parece a morte  
Chamando-me lá para o céu !...  
Vejo os anjinhos em transporte  
Brincando através d'um véo !

Estou um tanto atrapalhada !  
Não sei o que hei de dizer  
Se eu já soffri não sinto nada  
Só sinto agora prazer !...

(*Fallado*) Boa noite, boa noite !

JACQUES

Bom, este servicinho está prompto !... Vamos ao resto ! (*accende phosphoros e atira por todas as partes*) D'aqui a um quarto d'hora o theatro das minhas façanhas estará reduzido a cinzas. (*a Brigida*) Dona Brigida, queira fazer as suas despedidas a seu marido.

BRIGIDA

Prompto. (*Vai a mesa e o moleque d'a-lhe a penna*)

MOLEQUE (*dictando*)

- » Meu querido Zeferino
- » A casa vae pegar fogo !
- » Vou mandar tocar o sino
- » E adeusinho, até logo !

A rima não é lá grande cousa ! mas a pressa não me deixa fazer melhor. Saiamos por aqui !... (*sahindo pela janella com Brigida*) Finalmente, Marmota, és minha ! (*sae*).

SCENA VI.

ZEFERINO (*só pelo F.*)

Que grande tempestade ! Esta não veio na folhinha americana ! O diabo do tilbury molhou-me todo, descancemos a ferramenta. (*Vai por a caixa da ferramenta em cima da mesa e vê a carta, lê*)

- » Meu querido Zeferino
- » A casa vae pegar fogo !
- » Vou mandar tocar o sino
- » E adeusinho, até logo !

Como pegar fogo ! Minha casa vae pegar fogo ! Vou pô-la no seguro ! (*Vai a sair e encontra-se com Desgenais que entra*) Desgenais !

SCENA VII.

ZEFERINO e DESGENAIS

DESGENAIS

Nem mais um passo.

ZEFERINO

Desgenais !

DESGENAIS

Já não sou Desgenais, chamo-me a rasão ! Doutor Zeferino, não te conheço mais !

ZEFERINO

Pois sim, mas a minha casa vae arder e eu vou pô-la no seguro !

DESGENAIS

Devias pôr antes tua mulher no seguro, desgraçado !

ZEFERINO

O que ! Minha mulher tambem está pegando fogo ?

DESGENAIS

E que incendio !

ZEFERINO

Oh ! diabo ! Quantas badaladas serão n'aquella freguezia ? Deixe-me ver o cbapéo.

DESGENAIS

Não fallo n'esse fogo, ella arde em outro mais terrivel ! Venha já comigo a casa do Doutor Semana Illustrada reclamar sua esposa !

ZEFERINO

Pois eu hei de reclamar uma mulher que manda tocar sino !

DESGENAIS

Que sino ? Bem ensino precisa você ! Sua mulher foi raptada pelo moleque da Semana.

ZEFERINO

Melhor para elle ! Não vou lá !

DESGENAIS

Não vais? E o mundo? E' preciso que haja ao menos um marido que dê um passo para reaver sua mulher!...

ZEFERINO

Porém ella já me estava amolando muito.

DESGENAIS

Ahi é que está a vantagem

ZEFERINO

Qual vantagem! Já disse não vou; eu fico!

DESGENAIS

Tu ficas?! Ah! então ella tinha muita razão, porque os Zeferinos não valem os moleques da Semana Illustrada! Mais alguns dias e não terás uma só operação a praticar, um só dente a extrahir! Mais algum tempo e perderás a tua fé de cirurgião! Mais algum tempo e passarás pelo Julio no Largo do Rocio sem lhe tirares o chapéo! Bate, moleque! ora, bate!

ZEFERINO

Não, não, eu vou! (*começa o incendio*)

DESGENAIS

Então partamos. (*cantam*)

DUETO (*musica do Ernani*)

DESGENAIS

Sem mais demora, partamos!  
Que a casa começa a arder,  
E eu não quero qual torresmo,  
Aqui ficar a morrer!

ZEFERINO

Sim, partamos, sé meu guia  
E nesta afflicção me auxilia.

DESGENAIS

Ora emfim tomou juizo  
Já era tempo e preciso!

JUNTOS

Partamos, partamos  
Sem mais demora sim partamos!  
Que a casa começa a arder  
Eu não quero qual torresmo  
Aqui ficar a morrer.  
Partamos sim partamos  
Sem mais demora  
Que a casa começa a arder  
Eu não quero qual torresmo  
Aqui ficar a morrer.

(Saem pelo F. que desmorona vendo-se o incendio em a sua força).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

# ACTO II

## A SEMANA ILLUSTRADA

Grande palacio fantastico da SEMANA ILLUSTRADA No centro um sofá rico cama. A' D. e á E. grandes portas. Piano á E. Cadeiras e moveis ao gosto da scena. No panno do F., por cima do sofá do Dr. *Semana* vê-se o frontespicio do jornal, com o competente distico: —RIDENDO CASTIGAT MORES.—

### SCENA I

(O Dr. *Semana* dormindo na cama, a *Vida Fluminense*, em pé, á D. do doutor, o *Chim*, o Dr. *Mal das Vinhas*, um *Empregado do Correio*, que dorme, um *Capocira*, *Entregadores*, *Compradores*, *Moleques* e *Negrinhas da Semana*; depois o *Grizalho*, *Dona Quinzena*, o *Inspector* e o *Capitão Tiberio*. A' excepção do Dr. *Semana* e do *Empregado do Correio* todos cantão o seguinte:)

#### CORO DE ENTREGADORES

Ninguem mais póde esperar  
Tanto tempo aqui de plantão  
Vamos todos fazer barulho  
Ver se elle são do colcão...  
Ninguem mais póde esperar  
Tanto tempo aqui de plantão...  
Ah!...

GRISALHO (*entra pela D., elegantemente vestido*)

Eu sou de amor um escravo:  
Se escorrego logo cáio,  
E lá dentro do *Alcazar*  
Todos me chamão de *paio*...  
Ainda não acordou...  
Eu posso esperar,  
E logo, mais tarde,  
Tambem almoçar.

CÔRO

Ah!...

D. QUINZENA (*velha pretenciosa, vestida no rigor da moda, pela D.*)

Eu sou a mãe do *Grizalho*:  
O meu mano, que é *Doutor*,  
Sempre em guerra está comigo  
Por querer ser pae do amor...  
Ainda não acordou...  
Eu posso esperar,  
E logo, mais tarde,  
Tambem almoçar.

CÔRO

Ah!...

DR. SEMANA (acordando e sentando-se no sofá. Todos se afastão)

Ora cebo! Que massada!  
Porqu'è que fazem tal matinada?  
Quando estou tão occupado  
Não quero ser incommodado...  
Eh! lá! pôde ir tudo bugiar!...

CÔRO (todos chórão)

Ah!....

DR. SEMANA

E' escusado chorar...  
Eu sou pae de muita gente...  
A Semana está doente,  
Já não dá mais de mamar!

CÔRO

Ahi vem o Inspector!

(O Inspector entra com ar contristado.)

QUINZENA

O que deseja, senhor?

CÔRO

O que deseja, senhor?

INSPECTOR

Estou damnado!

Se nas ruas, eu, qual saracura,  
A' precura!  
Andei sempre atrás do cidadão...  
Rantaplão!

Foi p'ra vêr se algum dia obtinha  
A fitinha!

E para isso fiz um batalhão...  
Rantaplão!

CÔRO

E para isso fez um batalhão!...

INSPECTOR

Ora, agora que a guerra termina...

Oh! que sina!...

Sem que ao menos eu seja barão... (chorando)

Ão! ão! ão!

Queria vêr ao menos se vinha  
A fitinha!

Pois para isso fiz um batalhão...  
Rantaplão!...

CÔRO

Pois para isso fez um batalhão!

INSPECTOR

Ah! meu Deus! o que será de mim? Eu já tinha dito a sinhásinha que seria brevemente condecorado! Que vergonha quando ella me vir sem habito!

DR. SEMANA

Prudencia, Sr. Cunha! Senão tem condecoração, mostre ao menos que tem coração de conde e lá emquanto á falta de habito deve saber que não é elle que faz o monge! Foi por minha causa que o suspendêrão do recrutamento.

INSPECTOR

E porque?

DR. SEMANA

O senhor me compromettia a cada momento; foi a meu pedido que o fizerão inspector, e o senhor já não se importava com o quarteirão!... Não dava nem pedia guias, nunca mais exigio listas de familia; qualquer defunto seu inspecionado suava o topete para obter o seu--sepulte-se; nunca chegava a tempo ao logar onde houvesse incendio. Corre como um doudo as ruas da cidade perguntando a todos:—Em que se occupa?—Finalmente, ha quem o ouvisse ha dias perguntar no largo da Sé a um preto de taboleiro:—Em que te occupas, pae?—Ao que elle respondeu:—Eh! Eh! *sinhó*, preto captivo não pôdi in nu *Paraguay*! Vende quitanda de *sinhó Curuwello qui mora no rua di Bragança*.

INSPECTOR

E' falso! E' falso!

DR. SEMANA

Em virtude disso pedi para que o suspendessem do recrutamento.

INSPECTOR

Oh! não... não...

DR. SEMANA

Oh! sim... sim! E' preciso salvar o quarteirão. Os outros *Jornaes* estão com os olhos em nós! O *Mosquito* dá-me cada ferroadada!... Não carreguem tanto na pimenta... nisso é que vae a sabedoria!...

INSPECTOR

O Doutor falla tanto em carregar na pimenta e não olha para o môlho que arranja nos desenhos da *Semana*, tendo sempre em vistas o fazer chorar alguém! Toma diversas fôrmas, e ha quem o tenha visto no *foyer* do

São Luiz, nos bastidores do Lyrico, na rampa do São Pedro, nas *stalles* do Alcazar, e no jardim da Phenix.

VIDA FLUMINENSE

Então, senhor Doutor, continúa nas suas tropelias?

DR. SEMANA

Não ha tal, Vida Fluminense; tu bem sabes o contrario: não me deixas pôr pé em ramo verde, e os outros *Jornaes* não cessão de cortar-me na pelle, tentando pôr em terra a minha popularidade.

VIDA FLUMINENSE

E' falso, Sr. cabelludo de uma figa: eu o conheço de longa data: mas o Angelo está ahi, e eu hei de vingar-me. (*Ao Inspector.*) Sr. Cunha, veja se nos conta alguma cousa a respeito dos taes bastidores!

DR. SEMANA

Mais respeito, minha senhora... guarde isso para os desenhos da sua *folha*!... Não quero discussões no meu escriptorio; o governo precisa mandar fazer mapas, e eu não quero ficar mal visto. (*Como quem procura.*) Ainda não veio o capitão Tiberio do *Fantasma Branco*?

CAPITÃO TIBERIO

(*Entrando da E.*) Prompto, Doutor! A's suas ordens.

DR. SEMANA

Com effeito!... Porque demorou-se tanto?!

CAPITÃO TIBERIO

Ora o que havia de ser! Foi um maldito d'um compadre meu, que me emprestou um cavallo, lá na Praia-Grande, dizendo que era manso como um carneiro!... Pois é como as ventas do meu compadre! O maldito empacou...

DR. SEMANA

Basta! Nós já sabemos o resto. Mandei-o chamar porque recebi hoje uma carta em que se me participava que o senhor foi visto em companhia de minha irmã, no morro do Livramento...

D. QUINZENA

Não ha tal. Pedi ao Sr. capitão para ir comigo à

casa da comadre, que anda assustada por causa de um fantasma que lá apparece...

CAPITÃO TIBERIO

E' verdade... e o Doutor bem sabe que... será arreganho militar... mas eu, em ouvindo fallar em fantasmas, fico logo fóra de mim!...

DR. SEMANA

Qual fantasma, nem meio fantasma, não me troque as bolas! Este namoro já está escandaloso... A senhora já não é criança, e o capitão deve ter juizo!... Tratem do casamento e deixem-se de passeios no morro do Livramento, porque um dia podem carregar na pimenta, o fantasma apparece, e lá vêm todos dois ás cambalhotas pelo morro abaixo. Não me carreguem na pimenta... nisso é que vae a sabedoria!

CAPITÃO TIBERIO

Ah! se o Macedo me dêsse licença...

DR. SEMANA

O que fazia?

CAPITÃO TIBERIO

O mesmo que fiz ao fantasma, cortava-lhe as orelhas.

DR. SEMANA

(*Avançando para elle.*) Insolente!

CAPITÃO TIBERIO

(*Detendo-o.*) Está bom, Doutor, a prudencia é dos sessenta. Você já está quasi atirando com elles para trás das costas, está, portanto, na regra.

D. QUINZENA

Esta semana hoje está aziaga!

DR. SEMANA

Onde está o Grisalho?

GRISALHO

Aqui na porta, Doutor!

DR. SEMANA

O que está fazendo?

GRISALHO

Estou á espera do cosinheiro que foi levar uma carta á visinha, ali defronte!

DR. SEMANA

(*Aggarrando-o pelo braço.*) Ora isto não tem mais caminho!... Lá esta o Sauer-Kraut se queimando no fogo e o Snr. mandando cartinhas pelo cozinheiro á visinha! Em toda a parte o Snr. dá escandalos! Isto não pôde continuar, eu ponho-o em caricatura! Ora tome sentido. (*aos outros*) Vá cada um para a sua obrigação! Os entregadores vão ver se a *folha* já sahio do prelo, os cobradores se os assignantes querem pagar, as senhoras vão coser, o Sauer Kraut e o Mai-trank estarão daqui a pouco na mesa para almoçar-mos! Ninguem falte! (*murmurio geral*) O que é lá isso? Temos barulho no becco?!

GRISALHO

(*Baixo a D. Quinzena*) O' mamãe, isto é insupportavel, é preciso pôr termo a esta dictadura.

D. QUINZENA

Apoiado! O Doutor esta ficando muito exigente! Até nem quer que a gente vá ver o fantasma!

INSPECTOR

E eu então! Prometeu-me mundos e fundos para que eu lhe contasse as mazellas do quarteirão para com ellas encher o *Jornal* e agora nem quer fallar ao governo para me dar uma fitinha.

D. QUINZENA

Se nós fizessemos uma parede...

GRISALHO

Esta dito! Ninguem mais escreve para a *Semana* nem lhe dá idéas para os desenhos.

DR. SEMANA

(*Gritando*) Então é preciso dizer duas vezes? Não ouviram?!

(*Todos sahem murmurando.*)

SCENA II

DR. SEMANA, SÓ, E DEPOIS A VIDA FLUMINENSE

DR. SEMANA

Por meu lapis! esta gente não se pode aturar! E dizer-se que isto dura ha dez annos! Agora então para ajuda da corda do sino tenho de aturar a Vida Fluminense que se me agarrou ao cachaco e da-me cada *augusto* beliscão que me faz ver as estrellas! Ahi vem ella, appreciem, veção só ao que estou reduzido. (*alto*) Então que é isso *Vida*, estás com uma cara de *morte*.

VIDA FLUMINENSE

E não é para menos? O Snr. julga que tudo que é espirito deve-lhe pertencer..

DR. SEMANA

Não te comprehendo!

VIDA FLUMINENSE

Não me comprehende?! Que fez o Snr. da filha da *Marmota Fluminense*, minha honrada prima casada com o Illustrissimo Snr. Doutor Zeferino Rabeca ex barbeiro e actual cirurgião dentista, um dos primeiros pianistas da Côte?

DR. SEMANA

E' fazenda que não conheço!

VIDA FLUMINENSE

A cidade toda o sabe!

DR. SEMANA

O que?

VIDA FLUMINENSE

Que o Snr. acaba de raptar essa moça minha honrada prima, lançando fogo á casa do marido. O sineiro de S. Francisco de Paula que deu a primeira badalada, soube-o da boca do poeta e do philosopho que lá moram. O Barnabé do Largo do Rocio já o sabe! Na rua do Ouvidor, não se falla de outra coisa, no Braguinha discute-se esse rapto com tanto calor que a orchata subio de preço, o Bazilio do Alcasar deixou de tocar zabumba quando lhe contaram a historia, o Canongia arreventou uma prima no solo

que estava estudando e até a Figura Risonha da rua da Quitanda desatou a chorar como uma criança de mama.

DR. SEMANA

Que lenga-lenga é essa, Snra.? Eu sei lá disso; para que diabo queria eu a *marmota* do outro?

VIDA FLUMINENSE

Para que? Porque o seu espirito está cansado, velho, e o Snr. precisa de alguma coisa nova para o seu *Jornal*; por isso lançou as vistas para essa moça que ainda conserva toda a graça de sua mãe, cuja educação foi devida ao defuncto Paula Brito.

DR. SEMANA

Isso para cá não pega! O que você quer é armar-me alguma carrapata. O Eugenio, meu agente particular, foi saber dessa historia e d'aqui a pouco sabermos o nome do verdadeiro culpado. A senhora verá então, que um homem que põe os outros em caricatura não se hade assim expôr ao lapis alheio.

VIDA FLUMINENSE

Não te acredito, hypocrita! Ajustaremos as nossos contas, o Angelo te dará noticias minhas.

DR. SEMANA

Pois sim, sim, hade ser isso! (*batem*) Estão batendo, ha de ser o Eugenio. Escuta e faz-me justiça. (*gritando*) Entre.

### SCENA III

MR. EUGENIO E OS MESMOS

EUGENIO

Je fait mon compliment a madame e a monsieur le patron, premier Doutor illustreé do Rio de Janiere versado en todes as cosas mysteriosas do globo, grand caporal de la intelligencia, bon ami, bom frere, bon père, avô magnifique, protecteur de la science, grand descobridor de mel de pau, grand, grand. . .

DR. SEMANA

Guarda dentro, guarda dentro. O que ha de novo?

EUGENIO

Je arrive de la maison de votre moleque.

DR. SEMANA

E o que se faz por lá?

EUGENIO

Grand preparation para uma feste anniversario du Sant du nome de sue moleque. Aujourd'hui cets la vespere du carnaval, savais vous, n'est ce pas?

DR. SEMANA

Sim, sim; é o dia dos seus annos. Fallaste com elle?

EUGENIO

Anossible! Ha 34 jours que sua moleque não apparece!

DR. SEMANA

Tem estado fóra?

EUGENIO

Oui, mon patron, mas eu acaba de ancherger elle.

DR. SEMANA

Onde?

EUGENIO

Dans um bond de Bota-fôgô.

DR. SEMANA

Só?

EUGENIO

Non, mon patron! Avec une jolie femme. Je crois la mesme en question.

DR. SEMANA

(*A' Vida Fluminense*) Que disse eu?!

VIDA FLUMINENSE

Ora até que um dia fallou verdade.

DR. SEMANA

Então o senhor meu moleque?! Quando chegará elle?

EUGENIO

(*Que tem ido á porta*) Voilà; il arrive avec son tilbury.

DR. SEMANA

Bem, you recebe-lo na altura dos seus merccimentos.



VIDA FLUMINENSE

Será verdade, não me enganas, Doutor?

DR. SEMANA

Oh! Vida, pois tu duvidas do que está se passando!

VIDA FLUMINENSE

Está bom, estou mais tranquilla! Von comer Sauer Kraut!

DR. SEMANA

Vai sim, meu anjo! (*aparte*) Come e vê se apanhas uma boa indigestão! (*a Eugenio*) Vê quando elle sóbe. (*consigo*) Então a tal *marmota* é interessante, veremos que taes são as vistas.

EUGENIO

(*anunciando*) Monsieur le moleque. (*sae*)

SCENA IV

O MOLEQUE E MAIS DOUS PEQUENOS E O  
DR. SEMANA

MOLEQUE

(*Na porta*) A nhanhã está de saude?

DR. SEMANA

(*Com severidade*) Menos mal, obrigado! Está dando que fazer aos queixos...

MOLEQUE

Então meu nhonhô, como vai vocemecê? Sempre bello e amavel, aqui está seu moleque, can-góte cheiroso, pé delicado...

DR. SEMANA

(*Ainda mais severo*) Basta, basta, dispenso a molecagem.

MOLEQUE

(*A parte*) Ih! Nhonhô está com cada olho que parece um repolho! Vou tocar-lhe no fraco. (*alto*) Ah! meu sabio e espirituoso Doutor nhonhô! Quem pôde vêl-o sem deixar de amal-o, quem pôde amal-o sem morrer de amores?! O seu *Ridendo castigat mores* estende-se por toda a parte, não á vicios que o meu nhonhô não tenha corregido sempre com o riso nos labios; o meu nhonhô endireita as arvores que nascem

tortas, aponta o caminho da salvação aos politicos extraviados da nossa terra, com a ponta do seu lapis esclarece tudo, abre os olhos da policia, fecha a boca dos barrigudos do paiz, apaga phosphoros em tempo de eleições, accende os brios dos voluntarios da patria, por toda a parte sente-se o sal de seus epigrammas, o sal de seus desenhos, o sal das suas caricaturas, o sal dos seus artigos, o sal de seus versos, o sal das suas lembranças, o sal dos seus esquecimentos, o sal de seus ditos, o sal de seu espirito, o sal de suas graças, o sal de....

DR. SEMANA

(*Agarrando-lhe pela orelha*) Veja lá se me reduz a peixe salgado.

MOLEQUE

(*Aparte.*) Está moido. .. já lhe senti o gosto.

DR. SEMANA

Então o meu engraçado moleque acha muito salitre na minha pessoa?

MOLEQUE

(*Com hypocrisia.*) Nada é demais para o que o meu nhonhô merece.

DR. SEMANA

Não quero capadoçagens comigo... O senhor porta-se por fóra como um moleque da praia do peixe.

MOLEQUE

Senhor, eu nunca joguei capoeira...

DR. SEMANA

O que não impede que de vez em quando passes a tua rasteira na humanidade. Para que trazes em tua companhia o resto da familia?

MOLEQUE

Trazem as minhas golodices: pé de moleque, amendoim torrado, e canna de Paraty.

DR. SEMANA

Não queres mais Sauer-Kraut?

MOLEQUE

As comidas allemães são muito frias, e eu preciso

de cousas quentes! Azeite de dendê... muito azeite de dendê!

DR. SEMANA

Por isso é que você anda sempre a fazer *angus*.

MOLEQUE

Eu, nhonhô?!

DR. SEMANA

Tu, sim!... Ora diga-me: o que tem feito este tempo todo que não tem apparecido?

MOLEQUE

Occupado... sempre occupado nos interesses de meu nhonhô! Em casa... sempre em casa... naquella palhoça desgraçada, onde não se aprecia o sal da sua intelligencia, o sal de...

DR. SEMANA

(Zangado.) Moleque!

MOLEQUE

Senhô!

DR. SEMANA

Rapadura é cousa dura?

MOLEQUE

E' sim *senhô*!

DR. SEMANA

A moça é bonita?

MOLEQUE

E' sim *senhô*!

DR. SEMANA

Usa saia de balão?

MOLEQUE

Usa sim *senhô*!

DR. SEMANA

Tem vestido de babado?

MOLEQUE

Tem sim *senhô*!

DR. SEMANA

Então foi o senhor que a raptou.

MOLEQUE

A quem, nhonhô?

DR. SEMANA

A mulher do dentista...

MOLEQUE

Eu?!

DR. SEMANA

Não se faça de novas... O senhor mascarou-se, vestio-se de Pobre Jacques, lançou fogo á casa do marido para lhe roubar a *Marmota*. Moleque incendiario!

MOLEQUE

Senhor, eu nunca joguei capoeira.

DR. SEMANA

Silencio! A mim nada me escapa... sei tudo!

MOLEQUE

Mas tudo isso é falso...

DR. SEMANA

O senhor me desmente?

MOLEQUE

Nhonhô!

DR. SEMANA

Nem mais uma palavra! Moleque não discute, moleque não é gente, não passa de um adjectivo na grammatica da sociedade... (*Gritos dentro—FÔRA! FÔRA—etc.*) Olá! temos fogo em casa?

MOLEQUE

(*Aparte.*) Veremos agora quem é o sujeito da oração...

SCENA V.

OS MESMOS E TODOS DA SCENA I

(*Entrão em desordem*)

Vamos, vamos, que amanhã  
Tudo aqui mudado seja...  
Não quereemos mais cerveja,  
Nem tal comida allemã...

INSPECTOR

Basta de gelo...

CÔRO

Vamos...

Tudo aqui mudado seja...  
Não queremos mais cerveja,  
Nem tal comida allemã!...

MOLEQUE

Eu que sou meio faisca  
Vou encartar a minha bisca...

GRISALHO

A tal cerveja banida seja...

CÔRO

Basta de gelo!

INSPECTOR

A tal cerveja banida seja...

CÔRO

Banida seja...

MULHERES

Tudo aqui mudado seja...  
Não queremos mais cerveja...

CÔRO

Tudo aqui mudado seja...

MOLEQUE

Elles têm razão, porque essa bucha  
Até me faz jantar *cocada pucha!*...

CÔRO

Tudo aqui mudado seja...  
Vamos, vamos, que amanhã  
Tudo aqui mudado seja...  
Não queremos mais cerveja,  
Nem tal comida allemã...

INSPECTOR

Basta de gelo!

CÔRO

Vamos, vamos, que amanhã  
Tudo aqui mudado seja...  
Não queremos mais cerveja,  
Nem tal comida allemã!...  
Vamos! Que tudo aqui mudado seja!

DR. SEMANA

Olá! temos guerra civil no estabelecimento?!

TODOS

Sim! Sim!

DR. SEMANA

Assim desrespeitão a papae *Semana*? Não querem  
mais cerveja da Baviera, nem Sauer Kraut?

TODOS

Não!... não...  
Queremos camarões  
Lá do amigo Castellões!

D. QUINZENA

Eu quero uma feijoada lá do hotel do Coqueiro!

GRISALHO

Eu quero angú bem apimentado, da quintandeira  
do Largo da Sé.

MOLEQUE

E' justo... é justo!

DR. SEMANA

Ah! é justo! Espera que eu te aperto! (*Para todos.*) Vergonha das vergonhas! homens a quem eu ligava alguma consideração, deixão-se guiar por um *Moleque!*

MOLEQUE

Senhor, eu não sou *moleque*... Vossa senhoria é que me apresenta debaixo dessa fórma no seu *jornal*, porque isso lhe convém.

DR. SEMANA

E tu abusas desse disfarce para tomares outros, raptando mulheres casadas e largando fogo na casa dos maridos.

TODOS

Que pratinho! Venha disso!...

MOLEQUE

E' calúnia!

DR. SEMANA

Querem que ataque os foguetes?

MOLEQUE

Pois sim, ataque os fo... guetes.

DR. SEMANA

Lá vae uma gyrandola?!?!?! lá! Elle raptou a casa do Dr. Zeferino, e atacou fogo na mulher... quero dizer: atacou fogo no marido e roubou a casa da mulher... não... não é isto... Vocês comprehendem!

D. QUINZENA

Ora, meu mano, isso não vale nada...

DR. SEMANA

Não vale nada?! E a decencia? E o *Mosquito* que está sempre prompto a morder-me a orelha, e os outros *jornaes* que estão sempre de olho aberto para mim?

MOLEQUE

Queira perdoar, Doutor; mas lá a respeito de *decencia*, creio que V. S. merece ser *descomposto*.

VIDA FLUMINENSE

(Ao Dr. Semana.) Então, eu tinha ou não tinha razão?

DR. SEMANA

Oh! jámais... jámais! Sempre fui bom doutor, bom redactor, bom desenhista, bom amigo... e não sou bom guarda nacional porque sou allemão!

MOLEQUE

O Doutor falla nas minhas proezas, entretanto que se esquece das suas, que não deixão de ser interessantes...

INSPECTOR

Oh!... eu conheço-lhe o *mappa*!...

D. QUINZENA

E eu tambem!

GRISALHO

Ora! e eu!

TODOS

Todos!

GRISALHO

Até arranjámos uma cançõesinha sobre esse motivo...

DR. SEMANA

Perdão... vou ver se a *folha* já sahiu do prelo!  
(Quer *sahir* e é agarrado.)

MOLEQUE

Ouçã primeiro a canção!

VIDA FLUMINENSE

E seja essa a tua punição!

INSPECTOR

O *Doutor* teve um namoro,  
Foi p'ra elle triste sina!  
Era na praia do peixe...  
Uma velha negra mina...  
Ah! ah! ah!  
Se querem vér o vilão  
Mettão-lhe o bordão na mão...

CÔRO

Ah! ah! ah!  
Se querem vér o vilão  
Mettão-lhe o bordão na mão!...

CAPITÃO TIBERIO

Emquanto eu andava tonto  
A fugir do tal fantasma  
O *Doutor* teve um *derricho*  
Com uma velha cheia d'asma...  
Ah! ah! ah!  
Cahiu na esparrella  
Foi atrás do *cobre della*!...

CÔRO

Ah! ah! ah!  
Cahiu na esparrella  
Foi atrás do *cobre della*!...

D. QUINZENA

Por causa de certa moça,  
Por quem elle esteve vário,  
Já passou um dia inteiro  
Escondido n'um armario...  
Ah! ah! ah!  
Parece que lainda o vejo  
Tendo o nariz sobre o queijo.

CÔRO

Ah! ah! ah!  
Parece que ainda o vejo  
Tendo o nariz sobre o queijo!...

GRISALHO

Uma noite, no *Alcazar*,  
Elle vae pedir um leque  
A uma moça, e ella diz-lhe:  
— O' *Doutor*, veja o *Moleque*!  
Ah! ah! ah!  
Não póde ficar á margem  
Do *Doutor* a molecagem!...

CÔRO

Ah! ah! ah!  
Não póde ficar á margem  
Do *Doutor* a molecagem!...

MOLEQUE

P'ra seguir certa pequena,  
O Doutor não fez estudo :  
Mas o marido, que ia atrás,  
Deu-lhe um tremendo cascudo !...  
Ah ! ah ! ah !  
Foi na rua do Sabão...  
Deu com as ventas no chão !...

CÔRO

Ah ! ah ! ah !  
Foi na rua do Sabão...  
Deu com as ventas no chão !...

VIDA FLUMINENSE

Ai ! ai ! E' demais ! Onde está o Angelo ?... Vingança ! Vingança ! Ah ! (*Desmaia nos braços do Moleque.*)

DR. SEMANA

Bom ! Ahi temos a Vida Fluminense em perigo... Agora é aguentar !

MOLEQUE

Mas olhe que eu é que não posso com estas quatro paginas... eu empastelo esta folha !

DR. SEMANA

A. de C., não acredites... é mentira !

VIDA FLUMINENSE

Ai ! ai ! ai ! ai !

MOLEQUE

Olhe que eu empastelo isto tudo...

DR. SEMANA

Não acredites... Eu sempre fui teu camarada... (*Ao moleque.*) Atrevido... sem vergonha !...

MOLEQUE

Não posso mais aguentar a *Vida Fluminense*, peço reforma para a minha posição.

SCENA VI.

Os MESMOS E MR. EUGENIO

EUGENIO

(*Apressado*) Patron ! patron !

DR. SEMANA

Temos mais alguma novidade ?

EUGENIO

Il ha deux personnes que vous demande parole particulier.

DR. SEMANA

Quem são ?

EUGENIO

Le doutor Zeferino. (*A Vida Fluminense levanta-se.*)

MOLEQUE

O dentista aqui ! A cousa vae torta !... Faz favor de pegar nisto... Ah ! já se levantou !

EUGENIO

(*Continuando.*) ... e le Desgenais de *les Filles de Marbre.*

DR. SEMANA

O Desgenais das *Mulheres de Marmore* ! O homem da *Lanterna Independente* ! Rapaziada, colloquemos na altura da situação... nada de roupa suja !

MOLEQUE

Mande-os sahir por onde entrarão.

TODOS

Não ! não !

DR. SEMANA

Sem duvida ; sou doutor em direito e formado em medicina, vou aconselhal-o. (*Ao Moleque*) Tu tremes ?

MOLEQUE

Estou tranquillo ! (*gritando*) Podem subir.

DR. SEMANA

Então que é isto... estamos na casa de Gonçalo ? (*Gritando*) Que subão. (*Aos outros*) Rapaziada, atenção ! Assoem o nariz... temos vizitas, é preciso alguma seriedade... Tragão a minha béca e o meu lapis de ponta grande... Quero recebê-los com todas as honras. (*Trazem-lhe uma béca, um gorro e um lapis de desenho, muito grande.*) Quinzena, aqui para a minha direita ; Sr. Cunha, ponha a sua fita e fique á minha esquerda.

MOLEQUE

E eu, nhonhô ?

DR. SEMANA

Em pé. . . como negro fugido !

VIDA FLUMINENSE

E a *Vida Fluminense*, Doutor ?

DR. SEMANA

Vá para onde você costuma ser impressa, ou senão sente-se aqui ao pé do capitão Tiberio. Sr. Grisalho, veja lá se se dá ao disfructe ! . . . Sr. capitão, cuidado não appareça o fantasma.

MOLEQUE

(Gritando) Podem subir.

DR. SEMANA

Cala a boca, moleque ! Que subão ! (São Mr. Eugenio e volta com Zeferino e Desgenais.)

SCENA VII

OS MESMOS, ZEFERINO E DESGENAIS

MOLEQUE

Eil-o'ahi ! . . . Ah ! se eu podesse  
Lá para fóra já correr,  
Talvez mais facil não dêsse  
O meu susto a perceber !

TODOS (ao mesmo tempo)

Eil-o ahi ! ah ! se eu podesse  
Lá p'ra fóra já correr,  
Talvez mais facil não dêsse  
O meu susto a perceber !

ZEFERINO

Já me sinto atrapalhado . . .  
Não me envolvas neste apuro . . .  
Minha casa pegou fogo,  
E vou pôl-a no seguro ! . . .

DESGENAIS

Vamos, anda, sáe d'ahi,  
E caminha attentamente . . .  
Por ti vêla neste instante  
A *Lanterna Independente*.

DR. SEMANA

Eil-o ahi ! Com que prestreza  
Elle vem ! Eil-o aqui está !  
Vou tomar tua defeza,  
Infeliz, dentista, já !

OS MAIS

Attentae ! Observae !  
Olhae ! Escutae !

SRNHORAS

Elle vem !

HOMENS

Attentae !

SENHORAS

Eil-o ahi !

HOMENS

Observae !

ZEFERINO

Eil-o aqui está . . .

TODOS

Elle vem !

HOMENS

Observae !

SENHORAS

Aqui está !

HOMENS

Escutae !

ZEFERINO

Eil-o aqui está !

DR. SEMANA

Que quer, doutor Zeferino ?

DESGENAIS

Não te faças de mofino . . .  
Anda p'ra li, váe explicar  
No piano, ao bom Doutor,  
Como foi que, sem pudôr,  
O *Moleque* quiz te lograr.

ZEFERINO

Estás-me a massar ! . . .

DESGENAIS

Sou a razão !

ZEFERINO (ao piano)

Eu bem sei que isto é nada . . .

SENHORAS

Sua mulher lhe foi raptada !

ZEFERINO

Duas vezes já é massada !  
Ali está o mariola !

DR. SEMANA

Quem ?

ZEFERINO

O mariola !

TODOS

O tal mariola !  
Como se amola  
O tal mariola...

DR. SEMANA

Como se amola !  
« Cessa tudo o que antiga muza canta... »  
E' preciso castigar um tal delicto,  
Pois, de certo, não fóra mui bonito  
Dizer-se que o marido a esposa não achou !

ZEFERINO

Foi o diabo que isto lhe dictou !

MOLEQUE

Foi o demo que o aconselho !

DR. SEMANA

E para podermos a historia esclarecer,  
P'ra casa do *Moleque* vamos todos a correr !

MULHERES

P'ra casa

HOMENS

Do *Moleque*

MULHERES

Vamos todos

HOMENS

A correr !

ZEFERINO

A correr !

MULHERES

Nós vemos tambem com sua mana?

DR. SEMANA

Vae tudo que pertence a esta semana.

TODOS

O doutor *Semana Illustrada*  
E' um grande pagodeiro !

DR. SEMANA

*Yá ! yá ! Iéss ! iéss ! Oui ! oui !*

TODOS

O doutor *Semana Illustrada*  
E' um grande pagodeiro !  
E' de todos camarada,  
Sempre amigo verdadeiro !

SENHORAS

Partamos !

HOMENS

Partamos !

MULHERES

Partamos !

TODOS

Lá, lá, lá,  
Partamos !  
Lá, lá, lá,  
Partamos... Corramos !  
Ah ! lá, lá, lá,  
Partamos !  
Lá, lá, lá,  
Partamos... corramos...  
Ninguem mais em casa come...  
O *Moleque* hoje festeja  
O santo que é de seu nome !  
Lá, lá, lá,  
Partamos !  
Lá, lá, lá,  
Partamos ! Corramos !  
Ah ! lá, lá, lá,  
Partamos !  
Lá, lá, lá, lá...

DR. SEMANA

Oh ! pois, corramos lá !

TODOS

Corramos lá !

DR. SEMANA

Sim... partamos, sim...

TODOS

Partamos já...  
Oh ! pois, corramos lá...  
Corramos lá... sim... sim...  
Partamos, sim, partamos já...  
Partamos... corramos...  
Partamos já !

HOMENS

Partamos... Corramos...

TODOS

Lá, lá, lá,  
Partamos...  
Sim, partamos já...  
Etc., etc., etc.

(Grande passeio.—Ao passar o *Dr. Semana* perto do sofa, rompe o panno do F. deixando ver uma locomotiva puchando um carro triumphal. *Vida Fluminense* e o *Dr. Semana* entram no carro : o *Moleque* monta a cavallo na locomotiva e os dous pequenos sobem á trazeira ; segue o prestito atrás. O theatro illumina-se, e cae o panno a seu tempo.)

# ACTO III

## O DR. SEMANA ILLUSTRADA TRANSFORMADA EM GATO

Rico gabinetê particular do *Moleque*. Quadros pelas paredes representando diversas gaiatadas dos moleques. No centro uma grande cabeça, representando um negro velho, que serve de porta para os personagens que entrão e sãem á proporção que ella abre a boca; por cima desta cabeça ha um retrato do *Moleque*; cara branca e mascara preta na mão. Ao canto da scena uma rêde de apanhar passaros.

### SCENA I

BRIGIDA

(*Só sentada á D.*) Muito bem, nada de noticias! Creio que o meu raptor quer fazer mesmo historia de moleque, acostumado a ser capadocio no seu jornal quer fazer-me alguma molecagem; tenho por divertimento estas quatro paredes e um negro velho, idiota, que me massa a paciencia com as suas historias! Realmente estou muito divertida.

### SCENA II

BRIGIDA E PAE JOÃO

PAE JOÃO

(*Saindo pela cabeça que está no F.*) *Bença, sinhá!*

BRIGIDA

Temos alguma novidade?

PAE JOÃO

*Ué, sinhasinha não chamou sua peretó véio?*

BRIGIDA

Não chamei ninguém.

PAE JOÃO

*Ola, óla, esse nan tá deréto.*

BRIGIDA

Porque?

PAE JOÃO

*Sinhá não preguiça de nada?*

BRIGIDA

(*Com gesto de enfado*) Não, deixa-me.

— 41 —

PAE JOÃO

*Eh, eh! Sinhá mémo tá zangaro. Sua peréto véio não que vé sinhá com sobroio de pestana carregáro. Sinhá que que sua peréto canta? sua peréto tá cantando. Sinhá que que sua peréto dança? Sua peréto tá dansando. Sinhá que que sua peréto vare casa, sua peréto tá varendo. Sinha que que...*

BRIGIDA

Que vaes para o diabo que te carregue!

PAE JOÃO

(*Benzendo-se*) *Cruzo! Able Maria! Nan brinca co esse, non sinhô!*

BRIGIDA

Então vai para a cosinha.

PAE JOÃO

*P'ro more Deu, sinhá non falla ni cosinha.*

BRIGIDA

Porque?

PAE JOÃO

*Non póre dizé, seguerédo de minha coraçau. Ah! Mãi Maria!*

BRIGIDA

Vamos ouvir agora as ternuras do Pai João.

PAE JOÃO

*Frussura, non sinhó, foi prazé de turo minha zistença. (chora aproximando-se de Brigida)*

BRIGIDA

Não chores assim, estás fedendo muito a cachaça.

PAE JOÃO

*Cachaço, non sinhó! Paraty.*

BRIGIDA

Para mim, atrevido!

PAE JOÃO

*Éh sinhá nó entende lingua de maranco. Cachaço, é caixeiro di venda que sabe fazé, paraty é nengoço di gente gravataro. Foi plesente de mia filho.*

BRIGIDA

Quem é teu filho



PAE JOÃO

Moleque *di* Semana.

BRIGIDA

Oh! idiota, elle não é filho de negro.

PAE JOÃO

Ué! Então moleque não é *filho de perêto*? como é esse então?

BRIGIDA

Não sejas trapalhão! O moleque da semana só é preto nos desenhos do *Jornal*; fóra d'isso é um moço branco. (*mostrando o retrato*) Olha para o retrato, observa como é claro? Ja vê, que não pôde ser teu filho! Tu és negro como um tição.

PAE JOÃO

Olá, olá, viva! Então *garinha pelêto non* bota ovo maranco? *Ola* muito obrigado!

BRIGIDA

Oh! estúpido, olha que te dou um sopapo.

PAE JOÃO

Eh, e! Não zanga, não! Pai João vai *cantá* modinha p'ra *sinhá* ouvi. (*canta*)

Quando eu vim da *mia tera*  
Mi chamaya capitão...  
Mas hoje em tera di branco  
Pucha enxada, pae João...  
Eu era *sinhô* doutô,  
*Home* di grande sabença,  
Hoje pae João só *servi*  
P'ra vendê *corepondença*!...

A *princeza* di Benguella,  
Qu'inda é parenta minha...  
*Sinhá* moça *sta* chamando,  
Oh! diabo di *ningrinha*!  
*Sinhô* príncipe *rê* Congo,  
Co sua nome tamanho,  
Veio p'ra *tera* di branco  
Se *chamá* negro *din* ganho!

BRIGIDA

Mas que tenho eu com isso não me dirás? (*barulho dentro.*)

PAE JOÃO

É *e ta turo* prediro! *Anda, sinhá*

BRIGIDA

Não vou!

PAE JOÃO

*Yh!* moleque pega fogo!... *Anda, sinhá!*

BRIGIDA

Não vou, não quero.

PAE JOÃO

Oh! gente! *Esse nengoço* é que *nom pôre sé!*

BRIGIDA

Mas isto ainda durará muito tempo?

PAE JOÃO

*Nengoço* di branco *perêto non* tem que *fazé!* *Anda sinhá!*

BRIGIDA

Ajustaremos contas mais tarde.

PAE JOÃO

(*Fazendo Brigida entrar*) *Deixa* di conversa *sinhá.*  
Pai João não gosta di *pé* di moleque cá por banda di *traz.* (*Entram.*)

### SCENA III

O MOLEQUE, O DR. SEMANA E DEPOIS PAE JOÃO

MOLEQUE

(*Entrando e empurrando o Doutor*) Ninguém, respire.

DR. SEMANA

Trazes algum foguete nas pernas, ou tens medo de não achar lugar no bond.

MOLEQUE

Eim?

DR. SEMANA

Estás ficando de uma cortezia espantosa, trata's uma vesita aos empurrões como se fosse algum fardo da alfandega! Não sou homem a quem se falte ao respeito! Onde estamos nós? Isto aqui é o teu museu?!

MOLEQUE

Não senhor, estamos na minha chacara,

DR. SEMANA

Chacara entre quatro paredes, é a primeira vez que vejo.

MOLEQUE

E' um modo de fallar figuradamente! Chamo—chacara—porque é aqui que venho colher os fructos. . .

DR. SEMANA

Onde estão os fructos?

MOLEQUE

Da intelligencia!

DR. SEMANA

(Desconfiado) Ah! Os fructos da intelligencia! Sim comprehendo! Os fructos da... (aparte) Ella está aqui!

MOLEQUE

O que tem Doutor? Está indisposto?

DR. SEMANA

Não, examino a tua obra, é de gosto! Como lhe chamas mesmo?

MOLEQUE

A minha chacara.

DR. SEMANA

Sim, é isso: a tua chacara, os fructos da intelligencia, a horta da sabedoria! E' bonito, quero mandar fazer uma igual lá no Instituto, creio que a invenção é digna de privilegio, pode-se comer fructa todo anno.

MOLEQUE

Ah! Doutor, pôde crêr que sou incapaz de tocar n'uma fructa verde, só como quando ellas caem de maduras.

DR. SEMANA

Maduras, em!! Que pedaço de biltre que você me sahio. (Reparando nos signaes que o moleque faz a Pai João que tem entrado.) Mas que diabo é isto, temos movimentos telegraphicos por cima da minha cabeça?

MOLEQUE

Nada, são moscas, por aqui ha muitas!

DR. SEMANA

Estavas telegraphando, eu não me engano, (voltando-se) Olá! isto tambem é mosca?

MOLEQUE

Quem?

DR. SEMANA

Este objecto de jacarandá de carapuça branca?

MOLEQUE

Ah! é o Pai João, Velho *mudo* que me serve, que eu não *mudo* porque elle é o *fiel* da *fidclidade* da minha balança *fidellissima*! D'elle me *fio*, *confio* e não *enfio*.

DR. SEMANA

Eu corto-lhe já o *fio*! (Pergunta por signaes a João onde está Brigida, este não o comprehende até que elle bate com o pé no chão.)

MOLEQUE

Mas o que é que o Doutor quer saber?

DR. SEMANA

Onde está ella?

MOLEQUE

Ella quem?

DR. SEMANA

A filha da *Marmota*, a Brigida?

MOLEQUE

Pois o Doutor ainda acredita nessa farçola de mau gosto!

DR. SEMANA

Boa duvida, eu te conheço! Deixa-me espirrar.

MOLEQUE

Espirre, doutor, espirre. (aparte) Não te salvas com o meo—*dominus-tecum*!

DR. SEMANA

(Observando aparte) Olá, esta bocca meche-se, ella está aqui!

MOLEQUE

Que diz, doutor!

DR. SEMANA

Nada, nada, illusões! (*aparte*) Eu hei de voltar, olá!

MOLEQUE

Vamos doutor! Hoje é o ultimo dia de carnaval, são cinco horas e a sociedade não sae sem nós chegarmos.

DR. SEMANA

Sim, partamos! E' visivel que zombarão da minha credulidade!... Eu sempre caio nestas, não fiques mal comigo.

MOLEQUE

Oh! Doutor, por quem é, eu já o sigo. (*Falla baixo com Pai João.*)

DR. SEMANA

Oh! que lembrança! Vou enviar-lhe o meo cartão de visita e volto logo com o costume que mandei fazer para o baile de hoje! (*Põe o bilhete na porta.*)

MOLEQUE

(*Aparte*) Cuidado, este doutor é meio camarada moleque pôde voltar e... (*alto*) A's ordens do doutor encyclopedico... (*Partem os tres.*)

SCENA IV.

BRIGIDA

(*Só com o bilhete na mão.*) Ouvi passos e vozes, quem será? Ninguém! Que quer dizer este cartão de visita? (*lendo*) Doutor Semana Illustrada, barão da pilheria—Alguem pensa em mim? Oh! a liberdade, a liberdade!

SCENA V.

BRIGIDA E O DR. SEMANA

DR. SEMANA

(*Disfarçado em gato—aparte.*) Ninguém resiste a um gato deste tamanho.

BRIGIDA

Que doce mãosinha  
Me acaba agora de assustar!

DR. SEMANA

Que sou gato não me olvido...  
Cautela... vamos continuar...  
Hei de estar sempre a miar... (*Imita o gato.*)

BRIGIDA

Oh! que grande gato!...

DR. SEMANA

Miau!

BRIGIDA

Que lindo miar...  
Oh! que bello gato...  
Que lindo miar!...

DR. SEMANA

Eu apanho o rato  
Sem muito me custar...

BRIGIDA

Que lindo miar...

DR. SEMANA

Eu apanho o rato  
Sem muito me custar!

BRIGIDA

Oh! que bello gato...  
Meu gatinho todo dourado,  
Has de aqui viver comigo...

DR. SEMANA

Miau!

BRIGIDA

Has de ser mui bem tratado...  
De mim tu serás um bom amigo!

DR. SEMANA

Miau!

BRIGIDA

Não deixes mais este quarto...  
O teu prazer será longo;  
Para que estejas sempre farto,  
Has de ter, p'r' as horas vagas,  
Um gordinho camondongo...

DR. SEMANA

Eu aqui faço de sapo...  
A doninha está no papo!...

BRIGIDA

Eil-o aqui, e agora já não saes!

DR. SEMANA

Logo mais! logo mais!

BRIGIDA

Oh que ardiloso!

DR. SEMANA

Eu fiz-me gato por manhoso!

JUNTOS

Que só procura s'esconder! | Andando sempre a correr!

BRIGIDA (com a rêde)

Embalde intentas agora me fugir  
Pois eu te apanharei...

DR. SEMANA

Cuidado!

BRIGIDA

Estás satisfeito,  
Meu querido bichano?  
Estás satisfeito?

DR. SEMANA

Não ha engano...  
Eu te arranhei o peito!

BRIGIDA

Mia!... mia!... (O Doutor imita o gato.)

(Juntos ao mesmo tempo)

BRIGIDA

Ora, emfim, eu segurei-te  
Já não sáes daqui bichinho!  
Vou mandar pôr muito azeite  
Nesse teu lindo focinho!

DR. SEMANA

Afinal engazupei-te...  
Eu vou ser o teu bichinho...  
Sem que gastes muito azeite  
P'ra esfregar-me no focinho!

BRIGIDA

Apanhei-te meo bichinho, não saes mais d'aqui!...  
Hei de engordar os ratinhos para o teu almoço, far-te-  
hei todas as vontades, (enthusiasmada) Como o meo  
gato é bonito! Que focinho engraçado, que pêllo tão  
macio, que ternura no miar!

DR. SEMANA

Pois bem, sou teu.

BRIGIDA

Ah! elle falla! Nunca vi gatos desta qualidade!  
Soccórro! Pai João!...

DR. SEMANA

Não faças barulho, eu sou gato mas não arranho;  
quero dizer, arranho mas não sou gato! Eu venho ti-  
rar-te do poder do moleque e salvar a tua reputação.

BRIGIDA

Sim?! Mas se você não é gato, que qualidade de  
bicho é?...

DR. SEMANA

Eu sou o Doutor Semana Illustrada, barão da  
pilhéria.

BRIGIDA

Este cartão de visita é teu?

DR. SEMANA

Sim, meu, e eu tambem sou teu. Ah! divina  
creatura, eu devia te conhecer antes do moleque para  
ser o teu negro. Eu te levaria para o Instituto! Havia  
de saborear o Mai-Trank, mastigarias o Sauer-Kraut...

BRIGIDA

Deveras?! Sim, oh! sou tua, leva-me contigo.

DR. SEMANA

Devagar se vai ao longe! E' preciso não dar nas  
vistas, eu vou para o baile mascarado no Theatro  
Lyrico; vae lá ter comigo.

BRIGIDA

De que modo?

DR. SEMANA

Disfarça-te o melhor possivel, e quando acabar o  
baile um carro estará na porta da frente, dois animaes  
valentes, o 29 na boleia, o pão com *manteiga* na tra-  
zeira e...

AMBOS

Viva Garibaldi,  
Victor Emmanuel,  
Comendo macarroni  
Embrulhado no papel!... (Brigida sáe pelo F.)

SCENA VI.

PAE JOÃO, BEBADO, E LOGO O MOLEQUE

PAE JOÃO

Oia gato, aiam gato! *Pschio! Pschio* (chama o  
gato.)

MOLEQUE

(Entrando furioso) O gato, o gato?

PAE JOÃO

O gato!? (*cantarola*)  
Quando eu vim da minha terra

MOLEQUE

João não viste o gato?

PAE JOÃO

É e sinhó, gato? (*canta*)  
Me chamava capitão

MOLEQUE

Sim, o gato da Semana Illustrada, o Grisalho vio  
passar?

PAE JOÃO

Sumana lustrada! (*canta*)  
Mas hoje em terra de branco

MOLEQUE

O miseravel já não se pôde lamber! Onde está Bri-  
gida?

PAE JOÃO

Brigida! (*canta*)  
Pucha enchada Pai João.

MOLEQUE

Oh! isto é para enlouquecer! Vejamos se fallando  
outra lingua... João, João! *Ocuhó o culelé, ocubabá.*

BRIGIDA (*canta dentro*)

Meu gatinho todo dourado  
Has de aqui viver comigo.

MOLEQUE

Ah! Ella ainda está ahi! (*grita para a D.*) Mo-  
leques sentido! Pé ligeiro e olho vivo! Não a per-  
camos de vista. (*sae pela E.*)

PAE JOÃO

(*Só em scena, cantando e dansando.*) *Oian Maria*  
no céu.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

## ACTO IV

### NOITE DE TERÇA-FEIRA GORDA

O theatro representa o corredor da segunda ordem do theatro Lyrico.  
Ao F. vê-se os camarotes, cujas portas estão fechadas, com seus  
competentes numeros por cima, de 15 a 18. E' noite de Carnaval.

#### SCENA I

TODOS MENOS ZEFERINO E DESGENAIS

(*Estão todos vestidos como no Orpheu nos Infernos, fol-  
gando, bebendo, etc., etc.*)

CÔRO

Viva, reviva, viva o carnaval!  
E fóra quem diz que faz mal!  
E viva o pagode,  
D'aquelle que mais pôde,  
Nesta grande função.  
Fazer d'um princez,  
Por mais d'uma vez,  
Grande bestalhão...  
Você me conhece  
Eu conheço você...  
E' o que hoje apparece  
E' o que aqui se vê.

UMA VÓZ

E' o que aqui se vê,  
E' o que hoje apparece,  
E' o que aqui se vê  
Viva, reviva, viva o carnaval!  
E fóra quem diz que faz mal!  
Viva, reviva o carnaval  
Viva! viva!  
E fóra quem diz que faz mal...  
Viva o carnaval!

DR. SEMANA

Eia, pois, bella Eurýdice  
Com teu saber e teu caco,  
Demonstra aqui a tollice  
Do Mal das Vinhas, Deos Baccho,  
Demonstra a tollice.

CÔRO

Com teu sabor e teu caco,  
Do Mal das Vinhas Deos Bacho.

(O Mal das Vinhas entra n'um andor carregado por quatro mascarados; tem uma corôa feita de cachos de uvas na cabeça, na mão direita um sceptro em que se lê—BISNAGA—; na esquerda uma bandeira em que se lê—MINHA DELICIOSA IRMÃ—. O andor tem uma coberta que deve imitar uma parreira. Este personagem vestido como Bacho, traz casaca e collete de velludo.)

BRIGIDA (*dirigindo-se ao Mal das Vinhas, canta*)

Eu vi o Mal das Vinhas  
Em seu fertil balcão  
Vendendo *prompto alivio*  
Que as parreiras estraga...  
Mais tarde *alivio prompto*  
Elle achou! Que invenção!  
Descobrimdo a bisnaga!

INSPECTOR

Descobrimdo a bisnaga!

GRISALHO

Descobrimdo a bisnaga!

BRIGIDA

Oh! sim!...

CÔRO

Viva o Mal das Vinhas!

BRIGIDA

Oh! sim!...

CÔRO

Quem é que lhe paga...

BRIGIDA

Oh! sim!...

CÔRO

Trazer tanta gente ..

BRIGIDA

Oh! sim!...

CÔRO

A pensar na bisnaga...

Oh! sim...

A pensar na bisnaga!...

BRIGIDA

Oh! sim...

CÔRO

A pensar na bisnaga. . .

BRIGIDA

Oh! sim...

A pensar. . .

CÔRO

Na bisnaga!..

DR. SEMANA

Agora p'ra mostrar  
Que não sou desageitado,  
Um *can-can* eu vou dansar  
Muito repuchado.

(*Segue o minuette como no Orpheu nos Infernos.*)

DR. SEMANA

(*Baixo a Brigida*) O moleque nem por sonhos  
desconfia que estás aqui. Tenho um carro à porta e  
sairemos sem ser vistos depois do baile.

MOLEQUE

(*Aparte*) O Doutor pensa que me fura o oculo mas  
o moleque não dorme.

CÔRO

(Emquanto alguns dansão, os mais cantão—Lá, lá, lá, etc. Segue o  
galope; todos cantão e dansão)

Oh! que *can-can*...

Oh! que prazer...

Se neste afan

Vamos morrer!

BRIGIDA

(*Ao Doutor.*) São horas. Doutor.

DR. SEMANA

Sim, aproveitemos em quanto o Braz é thesoureiro.

MOLEQUE

(*Empedindo em falsete.*) Você me conhece?

BRIGIDA

Ai!

DR. SEMANA

Moleque, quem o chamou aqui, não vê que estou  
protegendo a innocencia.

MOLEQUE

Ah! não duvido; e como a corda não pôde andar  
sem a caçamba, permitta-me que o acompanhe nesta  
obra meritoria! Eu reconheci a mulher do dentista.

DR. SEMANA

Sim, a tal que tu juravas que não tinhas raptado.

MOLEQUE

Do que tenho completo arrependimento.

BRIGIDA

(*A elle.*) Isso é verdade?

MOLEQUE

Tão certo como o cigarro ser marido da *cigarra* e  
tu mulher de um doutor; mas elleahi vem, não tarda.

BRIGIDA

Oh! diabo, não me lembrava que era *cirurgiona*.

DR. SEMANA

Deixe lá o marido, pois eu não estou aqui?

MOLEQUE

Mas nhonhô prometteu-lhe. . .

DR. SEMANA (*pondo a mão no peito e os olhos em alvo.*)

« Não se arreceia de nada

« Aquelle que leva a vida

« Pela virtude medida »

MOLEQUE  
Isso não é seu, é do *Santo Antonio!* Ah! tu queres versos, espera que eu já te ensino! *(recita em tom de tragedia ao som da rabeca de Zeferino que se aproxima.)*

Qual quebra vagas do mar  
Carcomindo as duras fráguas,  
Assim da saudade as maguas  
Vem em meu peito quebrar  
Aos vinte e cinco de Abril  
A's quatro horas da tarde  
Embarcarão os voluntarios  
Ah! meu Deos! que crueldade!

*(Toma Brígida pela mão)* Tu conheces o som desta rabeca.

BRIGIDA  
Conheço sim senhor que grande sêca,  
Seu Doutor.

DR. SEMANA  
Não te importes que o moleque grite e ladre  
Cabo da guarda será nosso compadre. *(A todos.)*  
Meus filhos se não me enana á vista  
O Diogenes ahi vem com o tal dentista  
Nada de graças, nada de dilerios,  
Que vamos tratar de negocios muito serios.  
Seriedade de luvas e casaca  
Ou de burro que está preso n'uma estaca.

SCENA II

Os MESMOS. ZEFERINO e o DESGENAIS

*(Desgenais vem vestido de Diogenes e Zeferino de Orpheu na Roça)*

ZEFERINO *(a Diogenes)*  
Basta amigo basta, prescindamos  
De justas arguições, escusas futeis  
Não queres ir vou eu... *(ao Dr. Semana)*  
O seu moleque...

DR. SEMANA  
Não pôde agora aqui metter o beque,  
Sua mulher allí está pôde leval-a...  
E tenha mais cuidado no guardal-a,  
Tantas vezes o pote vai a fonte  
Que... eu mesmo não sei o que lhe cente.

ZEFERINO  
Neste mundo não ha nada melhor  
Que as lições do moleque e do doutor.

DR. SEMANA  
Escuta-me agora aqui com attenção:  
Caminha sem olhar nunca para o chão,  
Se cahires por terra na sahida  
Perderás a mulher por toda a vida.

MOLEQUE  
Mais isto senhor doutor é mais que abuso

DR. SEMANA  
*(Ao moleque)* Cada roca moleque tem seu fuso.  
*(Ao dentista.)* Cominha meu doutor mais tem cautela  
E aperta-me esta mão...

ZEFERINO  
Sem mais aquella!

*(Marcha na orchestra como no Orpheu na Roça, Brígida apparece pela mão de Pae João.)*

DESGENAIS *(dirigindo-se a Zeferino, canta)*  
Não olhes atrás! Eia, ávante!  
A quinze passos'fixa o olhar....  
O mundo neste instante  
Já por nós vejo esperar.

TODOS  
Em que embaraço o dentista está...  
Elle cahirá? Não cahirá?!  
Em que embaraço o dentista está...  
Cahirá? Não cahirá?!

DR. SEMANA  
O meu plano não me nega..  
O tal dentista escorrega!

DESGENAIS  
Este triumpho me ufana!  
DR. SEMANA  
Não, se volta? Não se volta?  
Peior! Lá vae casca de banana!

*(Atira com a casca da banana em direcção a Zeferino, e este escorrega.)*

TODOS  
Ah!

DESGENAIS  
Maldieto! andas a dormir?!

ZEFERINO  
Escorregar não é cahir...

MOLEQUE  
Tua esposa não mais voltará!

ZEFERINO  
A cousa foi mesmo ao pintar!

MOLEQUE  
P'ra quem fica?

DR. SEMANA  
P'ra ninguem...  
Entrará p'ra o Alcazar!

TODOS  
Entrará p'ra o Alcazar!

GRISALHO  
Para o Alcazar? Bem bom! Eu lá estarei e heide metter o meu requerimento.

BRIGIDA  
(*Ainda mais contente*) A final achei uma posição!  
Viva amor e chova arrôz.

DESGENAIS  
(*Collocando-lhe a lanterna em face.*) Oh! mulhe-  
res de marmore! mulheres de marmore!... Eu vos  
reconheço, artilharia do passado, espingardas d'agulha  
do presente e metralhadôras do futuro.

MOLEQUE  
Sim, senhor, lavre lá dois tentos. (*Ouve-se em sur-  
dina o catereté do Orpheo na Roça pela orchestra.*)

TODOS  
Ahi vem a Sociedade do Orpheo na Roça, vamos  
vel-a passar.

DR. SEMANA  
Rapaziada façamos-lhe as continencias devidas.  
(Segue o fado do Orpheu em surdina na orchestra, cantando o Dr. Se-  
mana o seguinte a meia voz)

Quebra, quebra, minha gente...  
Já não sou mais illustrado...  
Quando cáio no fadinho  
Fico todo atrapalhado...

CÔRO  
Pula, pula, minha gente,  
Qu'este fado não faz môssa...  
Nem ás moças da cidade,  
Nem ás meninas da roça...

Dansão, etc. Segue logo o galope do Orpheu nos Infernos romper  
do ao mesmo tempo o F. que deixa ver o theatro Lyrico em plen  
baile mascarado. No centro ve-se como em apothese, um grup  
que representa o Orpheu no Roça, Galo, Bahiana, Manoel Joã  
e o Juiz de Paz, etc. Por cima do grupo uma fita sustida por doi  
moleques com azas, onde se lê o seguinte—ORPHEU NA ROÇ  
PASSADO. Ao mesmo tempo, na frente dos outros personagens qu  
estão em grupo quasi á boca da scena, desce outra fita sustida p  
dois cherubins com o seguinte leitreiro—ORPHEU NA CIDADE, PRI  
SENTE.— Repetem o côro)

Oh! que can-can...  
Oh! que prazer,  
Se neste afan  
Vamos morrer!





